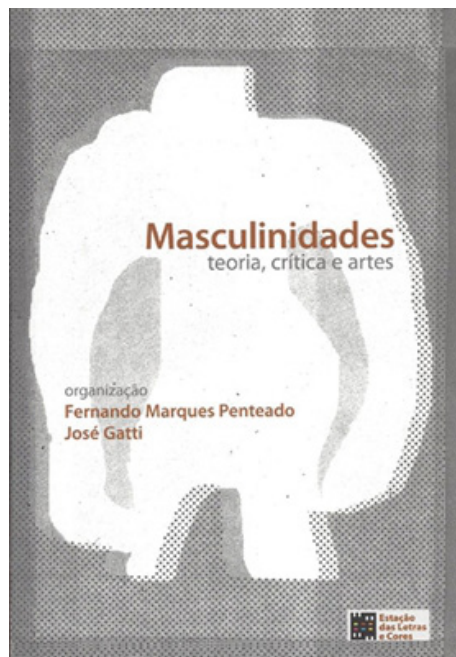


O problema ainda sem nome: masculinidades

Raphael de Boer¹



RESENHA

PENTEADO, Fernando. M., GATTI, José. *Masculinidades - teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

¹ Doutorando em Letras Inglês na linha de pesquisa Interfaces literárias e Culturais.
E-mail: raphaelufsc@gmail.com



Na teoria literária, nos estudos de cinema e audiovisual e nos Estudos Culturais não é novo o questionamento do que é ser uma mulher e talvez não se questione com mais pulsante frequência como as imagens femininas são estruturalmente representadas no discurso opressor e patriarcal que as engloba. Tal abordagem dicotômica é reducionista no sentido que apenas confirma o notável entrelace entre homens e mulheres, uma diferença sexual, onde a última é incorporada pelo discurso patriarcal e opressor que há muito tempo opera no discurso de revistas, novelas, filmes, comerciais e outros meios semióticos.

Porém, novas perspectivas teóricas iluminaram os estudos feministas, dissociando a figura da mulher de uma simples representação negativa de vitimização, para ceder lugar a uma investigação política das categorias de gênero, sexo e sexualidade cujo debate central focaliza trabalhos como os das teóricas Theresa de Lauretis, *Technologies of gender* (1987) e Judith Butler *Gender Trouble*, (1993).

Em *Feminine mystique* (1963) Betty Friedan fala da mulher pós segunda guerra mundial e a sua insatisfação fatigante perante o seu universo de dona de casa e ali encontra “o problema que não tem nome” (Friedan, 1963). O problema está conectado à incapacidade feminina de se projetar fora das expectativas de gênero que as devoravam naquele tempo pós-guerra sendo a mulher limitada a ser dona de casa e mãe, mas desabilitada das suas capacidades intelectuais, fato esse apenas concedido aos homens.

Ao mudar o foco da mulher para o homem, então pergunto: que lugar hoje os homens ocupam na construção das suas masculinidades? O crescente interesse pelos estudos da masculinidade vem se consolidando nos debates acadêmicos e da crítica literária, basicamente ao referir-se a uma crise na masculinidade. De acordo com o autor José Gatti¹, “O acesso das mulheres à educação formal, à participação política e, muito importante, o direito ao prazer sexual redefiniram o papel dos homens de todas as sexualidades” (p.13). Como pontuo acima ao citar Betty Friedan, o problema não nomeado, como para as mulheres do pós-

1. José Gatti tem extensa publicação na área de masculinidades, bem como nas áreas de gênero e estudos pós-coloniais no cinema.



segunda guerra, hoje parece estar ocupando um lugar político na subjetividade masculina que, ameaçado pelos limites pré-estabelecidos do seu gênero, sócio e culturalmente construído, está em crise².

Dessa forma, o livro *Masculinidades teoria, crítica e artes* focaliza a questão da masculinidade a partir da teoria dos estudos da sexualidade, feministas, de gênero e Queer, apontando aportes teóricos de autores como Michael Foucault, Laura Mulvey, Eve Sedgwick, Judith Butler, dentre outros. O debate, com sua grande variedade de temas, abrange os mecanismos que operam acerca da masculinidade e da construção da subjetividade masculina. Além disso, em alguns momentos de discussão, os argumentos expressam como o ser masculino se relaciona ao ser feminino, simbolicamente mal interpretado pela ausência do poder masculino (o falo) dentro do binarismo estruturalista homem x mulher.

O livro é composto de dezenove artigos e está dividido em três partes: Parte I- Literaturas/ Imagens, composta de seis artigos que apresentam a questão da masculinidade nas intersecções entre o cinema e literatura. A exemplo, estão os debates sobre a masculinidade no filme Norte-americano *Brokeback mountain*, o cinema argentino e a figura do gaúcho na literatura, descrita nas obras de José Hernandez Borges e Güiraldes. A partir de uma análise do clássico texto literário, *Dom Casmurro*, Richard Miskolci desconstrói o clássico romance entre o casal Bento e a emblemática Capitu para levantar questões referentes ao amor homoerótico entre Bento e Escobar. A autora Lúcia Villares traz à superfície as memórias de infância do escritor Graciliano Ramos atrelando-as a questões de gênero na obra literária *Angústia*. Os autores Daniel Sinsel e Rodrigo Bueno, respectivamente em *Sem Título* e *Teorema Íntimo* trazem para essa seção elementos visuais que incitam tanto o mundo externo como pessoais no campo do desejo e das masculinidades.

Em *Retorno a Brokeback Mountain*, Roy Grudmann analisa o consagrado *Brokeback Mountain* (adaptação do conto homônimo de Annie Proulx) a partir da relação homoafetiva entre dois caubóis Norte-americanos e de como o embate homoerótico configura-se a fim de subverter a ordem “natural” das suas

2. Ver *Masculine Mystique*. Kimbrell. Andrew. 1995



subjetividades e os seus limites de gênero, enquanto homens heterossexuais que vivem em uma comunidade homofóbica dos anos 60 no estado do Wyoming.

Partindo da questão da afetividade homoafetiva, Grudmann critica o amor dos dois caubóis, por ser retratada dentro de uma narrativa comercial hollywoodiana permeada, em certos momentos, de homofobia e pudor homoerótico. Assim, o autor ilustra os seus argumentos com uma análise da sequência em que a mulher traída de Ennis assiste (através da câmera subjetiva) a troca de afetos dos dois amantes que há muito tempo não se viam. Grudmann ressalta que “a história de Ennis e Jack também se comunica com uma geração de homens gays que levaram muitos anos para admitirem sua homossexualidade para si mesmos - e ainda mais tempo para se abrirem para as suas esposas, seus filhos e a sociedade.” (p.33).

A Parte II- Políticas e Culturas é composta de seis ensaios que apresentam a masculinidade transitando pela cultura e a história. O trabalho de Richard Dyer, em “Rock Hudson quem diria” investiga como a mídia retratou a questão da masculinidade do ícone do cinema Rock Hudson (tido como símbolo sexual na época de ouro de Hollywood) e a questão da sua homossexualidade, sendo assim levantando questões pertinentes do papel tendencioso e nocivo da mídia na representação de homoafetividades. No campo da história, James Green, em “Herbert Daniel: política homossexualidade e masculinidades no Brasil nas últimas décadas do século XX”, traça um panorama histórico sobre os movimentos políticos de esquerda no Brasil interseccionando-os com a questão da ditadura militar e os padrões de masculinidades por ela imposta, angústia essa vivida na figura da personagem Herbert Daniel. O ensaio fotográfico de Fernando Marques Penteado, um dos organizadores do livro, revela figuras masculinas que conotam a carga assumida por homens presos em convenções sociais pré-estabelecidas a partir de concepções culturais e sociais de gênero.

Para Lúcio Agra, autor do ensaio *Maldito Polimorfo na Dança do Comichão*, a figura de Flávio Carvalho na arte brasileira do século XX transcende a magnitude de suas criações artísticas enquanto homem performático e subversor de ideais e convenções, sendo assim ele considerado instigador e ousado com ecos na cultura artística de hoje.



A pesquisadora e antropóloga Carmen Rial investiga em seu ensaio *Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade* o gênero no campo dos esportes, área pouco difundida no âmbito acadêmico. Em sua análise, ela usa os esportes rúgbi e judô como símbolos da masculinidade e os relaciona a um rito de iniciação da subjetividade masculina, apontando para a possibilidade da inclusão do “ser” feminino nestes esportes.

Em *Duelo de Titãs*, o autor José Gatti explora o culto ao corpo e a figura do homem forte, sugerindo ao último uma ressexualização. Para ele “a problemática de poder”, gênero e (homo) sexualidade na figura do Homem Forte [merece] uma discussão mais aprofundada. Em seu ensaio, Gatti utiliza as figuras emblemáticas da força e corpos esculpidos de Sandow e Schwarzenegger para compor os seus argumentos.

Finalmente, a Parte III- Ardores/Espelhos é composta de sete ensaios e abre com o texto de William E. Jones *Caça às Bruxas no Banheirão*, em que ele relata fatos reais vividos por homens, que buscavam o prazer homoafetivo em banheiros públicos, em Ohio, Estados Unidos, nos 60. Além disso, o autor relata a impiedosa força policial que perseguia esses homens tidos como desviantes devido as suas práticas homoeróticas.

Os artigos *Banheiro dos Homens* de Lee Edelman e *Alair Gomes, Djalma Batista, Pedro Almodóvar: o circuito do desejo* de João Luiz Vieira revisitam, respectivamente teorias consagradas da filósofa Simone de Beauvoir e da teórica feminista de cinema Laura Mulvey (a questão do olhar masculino) para comporem os seus argumentos.

Edelman remete-se à Simone de Beauvoir, que abordou filosoficamente a questão do que é ser uma mulher para relacionar, através da metáfora do espelho do banheiro, como a masculinidade (o que é ser um homem) é construída. Obras artísticas como as do casal de artistas brasileiros intitulados O Duo Tetine apresentam uma instalação que retrata a figura metafórica do banheiro (aqui com conotação diferente das outras acima mencionadas) para expor as práticas higiênicas de diversos grupos de homens, oriundo de distintas culturas.

De acordo com José Gatti “O banheiro desses fragmentos da videoinstalação do Duo Tetine é o espaço da vaidade irreprimida da masculinidade confortável, independente das imposições identitárias de gênero ou sexualidade;



masculinidades que se manifestam e (às vezes) inadvertidamente.” (p.22). Por fim, Tom Waugh, apresenta seus estudos nas áreas de gênero e sexualidade, ressaltando a pornografia e o modo operante de seus padrões de consumos seja entre homens héteros ou gays. Por fim, Fernando Marques Penteadó em *Matizes de si* reporta suas experiências pessoais para debater sobre a homofobia e a sua materialização no discurso opressor que atinge os grupos minoritários. O autor ainda, neste ensaio, traz luz para questões sobre os termos heterossexismo, heteronormatividade e homonormatividade.

As masculinidades de *Masculinidades teoria, crítica e artes* iluminam o campo da subjetividade masculina em crise e/ ou em construção. Ao trazer questões ousadas e instigadoras para quebrar paradigmas e normas de gênero pré- concebidas, os ensaios aqui reunidos, como diz José Gatti, em sua nota de abertura “[visam] contribuir para um pensamento crítico das diversas manifestações hegemônicas das masculinidades”. (p.23).